



# A BATIDA DO MARTELO

**A INDÚSTRIA ENCARA O RISCO DA  
PROLIFERAÇÃO DE PROIBIÇÕES DOS  
DESCARTÁVEIS PLÁSTICOS**

## **SUSTENTABILIDADE**

**Braskem planeja obter propeno de reciclagem química nos EUA**

**As melhores empresas e profissionais indicados pelo mercado para o maior prêmio do setor plástico**

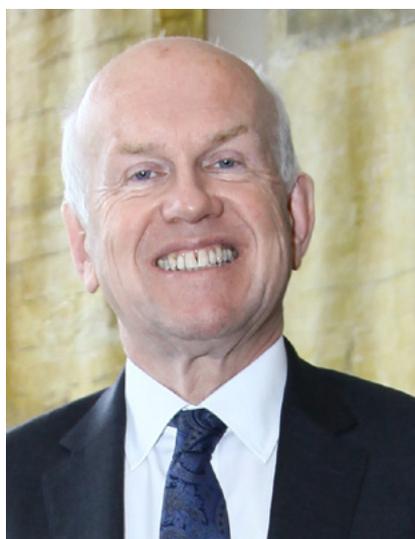


# Um novo tempo

Produtos plásticos de uso único vão sendo relegados ao passado, constata o consultor Paul Hodges



“Os desafios colocados pelos plásticos decorrem, em grande parte, do fato de nossa produção e consumo não serem sustentáveis. A covid-19 e a mudança climática ampliaram a atenção do público para a crise do lixo plástico que enfrentamos. Está claro que a melhor forma de lidar com esse quadro é mudar para uma economia circular na qual os plásticos possam ser reciclados e reutilizados de modo melhor e mais inteligente”. Essa recente declaração de Hans Bruyninckx, diretor executivo da **Agência Ambiental Europeia**,



Hodges: setor plástico precisa reformular sua abordagem do consumidor final.

sintetiza a intensa e rápida reviravolta em curso no mercado e nos valores defendidos pelo setor plástico, efeito das inovações tecnológicas e do apoio geral ao desenvolvimento sustentável. Na entrevista a seguir, Paul Hodges, presidente da empresa **New Normal Consulting** e blogueiro do portal inglês **Icis**, centrado em química e petroquímica, escancara o avanço dessa mutação sobre o universo do plástico, tanto abrindo oportunidades até então fora do radar como abolindo aplicações tidas como estranhas no ninho da nova realidade – entre elas os produtos descartáveis.

**Como avalia a proliferação global de leis proibindo descartáveis plásticos e por que os argumentos técnicos da indústria em defesa do produto são em geral ignorados pelos legisladores?**

O ponto-chave de origem da decisão de banir os descartáveis plásticos é o consumidor final. Por seu turno, ele determina essa conduta ao brand owner e assim evolui o processo da legislação a ser votada. Os consumidores não têm uma visão complexa do mundo; eles simplesmente enxergam o impacto do lixo plástico – em particular na área marinha – e querem parar com isso. Meu açougueiro tem em cima do balcão um letreiro que resume este assunto com perfeição: ‘ninguém ganha do cliente numa discussão’. Como ensina o guia de técnica de vendas ‘Sales 101’, você precisa lidar com as objeções antes de vender os benefícios. Nessa pegada, a indústria dos descartáveis plásticos precisa



**Lixo plástico: consumidor quer uma solução e não conjecturas sobre o problema.**

refocar seu trabalho de divulgação tendo em vista as preocupações com o consumidor.

**Proibições determinadas por leis, como o veto ao fornecimento de descartáveis plásticos na cidade**

**de São Paulo, são uma solução melhor do que os tradicionais programas e campanhas educacionais em prol do descarte correto do lixo plástico? Por que essa catequese resulta em geral frustrante?**

O veto legal é uma reação extrema à percepção de que a indústria de descartáveis plástico não se importa com a poluição marinha. A não ser que passe a abordar diretamente essa questão, a indústria corre o risco de travar um diálogo de surdos com a opinião pública. Trocando em miúdos, ela tem de tomar a iniciativa e se dirigir sem desvios ao que inquieta o consumidor implantando passos positivos para solucionar a questão do refugo plástico. Sendo vista fazendo isso, as pessoas irão escutar a indústria.

**Por que as ações de catequese ambiental do público empreendidas pelo setor plástico resultam em geral frustrantes?**



**Leis contra descartáveis plásticos: reação à pretensa indiferença da indústria à poluição ambiental.**

Isso me lembra a polêmica ocorrida no século passado na Europa em torno de pretensos riscos à saúde causados por cloro e PVC. Através da entidade EuroChlor, a ICI, minha ex-companhia, trabalhou com produtores como **Dow** e **Solvay** para desenvolver um programa robusto de divulgação voltado para esclarecer os assuntos de PVC e cloro considerados perturbadores. Isso envolveu a ida de executivos de primeiro escalão, como eu, a programas de rádio campeões de audiência, exposições

**A cadeia do plástico prima pela falta de uma estratégia de coesão de seus elos para comunicar as conveniências dos seus produtos de uso único, em regra ignoradas pela opinião pública. Sob a atual pressão ambientalista, ficou tarde para esse tipo de comunicação?**

São dois assuntos a considerar aqui. As pessoas apreciam o valor dos plásticos, em particular a atuação deles nesta pandemia. Mas elas perguntam: por que as embalagens são de uso

plena à captura de oportunidades nas cadeias de valores que emergirão desse dito Novo Normal.

**Sob o Novo Normal, qual futuro enxerga para os descartáveis plásticos e para poliestireno (PS), resina altamente dependente desse segmento?**

O fato é que o mundo simplesmente deixou para trás, por todas as boas razões, a ideia dos produtos de uso único. A questão do lixo plástico é



**Reciclagem: oportunidades sedutoras para a cadeia plástica dentro da nova realidade.**

para entidades em defesa dos consumidores e apresentações de provas do que dizíamos a comitês de políticos. Tão logo começamos a trabalhar, ficou claro que o ponto-chave era que tínhamos falhado em sensibilizar as pessoas comuns e por isso elas acabaram com a impressão de que nós, da indústria, nos escondíamos atrás de argumentos técnicos como uma desculpa para nada fazermos de fato.

único? Por que não podem ser recicladas? O novo relatório da SusChem (Plataforma de Tecnologia Europeia em favor da Química Sustentável) sobre a estratégia de sustentabilidade dos plásticos expõe às claras que a indústria reúne possibilidades de um futuro brilhante caso se mova rumo à área de reciclagem e sua base de competências e habilidades ajusta-se de forma

um dos motivos, mas pesa também o custo econômico e o impacto do dióxido de carbono na continuidade do uso de grandes quantidades de combustíveis fósseis. Ao olharmos ao redor, deparamos com as mesmíssimas questões começando a dominar a indústria de transporte com a mudança para os veículos elétricos e a energia baseada em fontes renováveis. A situação lembra



**Mudança de paradigma: refinarias começam a ser fechadas enquanto a revolução do carro elétrico acelera.**

a conjuntura dos anos 1960, quando a indústria fechou suas plantas baseadas na rota do carvão, cativada pelo óleo e gás natural como matérias-primas. Nós temos uma oportunidade similar hoje, realizando a mudança da rota do óleo e gás para matérias-primas recicladas. Vale lembrar, por sinal, que a indústria plástica precisará fazer isso porque refinarias começam a ser fechadas com rapidez enquanto a revolução do carro elétrico acelera. Essa mudança vai ganhar potência turbo com Joe Biden na Casa Branca e John Kerry (responsável pelo meio ambiente no governo norte-americano) construindo apoio global dos EUA em favor de um progresso radical na edição deste ano da Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas (COP 26).

**Os descartáveis plásticos são mundialmente prezados como soluções para evitar o risco de**

**contaminação pelo corona. Por que este reconhecimento dos produtos**



**Descartáveis em delivery: reconhecimento da higienização não atenua rejeição a plásticos de uso único.**

**não consegue frear a proliferação de leis exigindo sua proibição?**

As pessoas têm uma necessidade

básica de contar com alimento e embalagem seguros. Mas isso não significa que a exigência sempre será atendida do jeito que ocorria no passado. Por exemplo, as pessoas pararam de comprar CDs (cujos estojos eram responsáveis por 25% da demanda de PS cristal) mas continuam a ouvir música e para isso optam por streaming via Spotify, Apple Music etc. Fica claro, portanto, que a indústria do plástico tem uma senhora oportunidade aqui, mas ela impõe o abandono daquela ideia do negócio como ele sempre foi. Em vez disso, a cadeia plástica precisa redirecionar sua atividade indo ao encontro das novas exigências em favor de produtos reciclados e da economia circular. Eu acho que este é um tempo muito excitante para se estar no setor plástico e estou convicto

de que ele está à altura do desafio e vai aproveitar a oportunidade que o novo momento proporciona.



# O sonho da mesa posta

## Veto a resinas convencionais em descartáveis anima alternativas como bioplásticos

**A**inda em janeiro, mesmo mês da entrada em vigor da primeira lei brasileira, sancionada pela prefeitura de São Paulo, a proibir o fornecimento de descartáveis plásticos, a componedora **Earth Renewable Technologies (ERT)** aproveitou a deixa para sapear release na mídia apresentando-se como o único produtor de biocompostos no país em linha com a nova legislação. Com produção iniciada em 2020, na faixa de 200 t/mês a cargo de 16 extrusoras de dupla rosca, a planta da empresa em Curitiba beneficia plásticos biodegradáveis, em especial o importado ácido polilático (PLA), e o plano de ação é elevar a capacidade a 2.200 t/mês no período atual. “Nesta linha de contribuição para diminuir o aquecimento global, acreditamos que o futuro nos reserva ótimas surpresas em relação ao banimento dos descartáveis de fontes não renováveis”, pressente o CEO Kim Gurtensten Fabri, convicto de que a proliferação de leis contra esses artefatos pelo Brasil afora é ponto



**Fabri: ERT empenhada em baratear seus biocompostos.**

pacífico. “Esperamos que cidades-modelo, como Curitiba, sejam as próximas a seguir o exemplo da capital paulista”.

O potencial para biopolímeros no país, ele frisa, é superlativo. “A população carece de alternativas mais sustentáveis no âmbito dos plásticos e, com base nessa perspectiva, desembarcamos aqui para sermos os primeiros

produtores locais de formulações à base de biopolímeros em grande escala”.

Com capital majoritariamente norte-americano, a ERT atua com fábrica na Carolina do Sul e escritório na Carolina do Norte; dispõe de representação na Bélgica e o Brasil comparece no raio de ação com a planta e infra de vendas no Paraná. Para engrenar a entrada de seus biomateriais (masters, compostos e aditivos) na indústria transformadora brasileira, a ERT selecionou como agente exclusiva a **Activas**, trem-bala da distribuição nacional de resinas oriundas da petroquímica.

Descartáveis plásticos configuram produtos transformados commodities, de baixo valor agregado e alta escala. Do outro lado da balança, os compostos de bioplásticos acenados pela ERT marcam pela disponibilidade limitada, dependência de importações e preço elevado, bem acima da concorrência movidas por grades nacionais de poliolefinas e poliestireno (PS) beneficiados. Apesar disso, Fabri enxerga uma porta para suas soluções